



Gaiato

13 de JUNHO de 1970
ANO XXVII — N.º 685 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ FAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE: L.A. OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA FAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Lourenço Marques

Bons amigos nos sugerem meios de superar as grandes dificuldades que encontramos, na realização de festas, quermesses, rifas e peditórios. Normalmente dou uma resposta evasiva que não entendem bem: não é o nosso género de actividades e nunca tomaremos a iniciativa delas. Deus há-de ajudar-nos por outras maneiras. Não pareça que é uma atitude preguiçosa, pois não me furto a andanças infindas, mendigando na cidade e outras terras aquilo que nos falta. Mas também é certo que Deus manda outros ao nosso encontro. Quantas vezes na rua, no mercado ou nas casas comerciais aparece alguém a perguntar se sou da Casa do Gaiato. Parece que já trazem o dinheiro na mão a contar encontrar-me e às vezes as nossas preocupações são aliviadas de surpresa. Há dias e no espaço de uma semana, apareceram aqui dois casais novos. A ambos saiu o mesmo prémio na Lotaria.

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Ninguém sabe as nossas dores. Somos uma família com cerca de 150 filhos. Eles vêm para nós em pequeninos, saídos de lugares impróprios para quem precisa de viver. Somos chamados a ir por eles, ou vem alguém dizer-nos da sua necessidade.

Eu ando revoltado. Nós não somos amas secas. Se «desmamamos» os que nos trazem e os tomamos como nossos, toda a gente bate palmas porque a Casa do Gaiato mata a fome aos meninos e fá-los ir prá escola. Ora não é assim a vida que alimenta a nossa Obra, nem foi para isso que as Casas do Gaiato apareceram. A palavra de ordem de Pai Américo é: «fazer de cada rapaz, um Homem».

Outro dia fugiram três dos nossos. Amamo-los como tu amas os teus, e procurámo-los.

Setúbal

Procurámos também o auxílio das autoridades, mas a burocracia estava e pesou mais que a razão do pai que quer reaver o filho perdido. Eles são nossos porque, geralmente, a sua origem não provém de um acto de consciência; nem, ao longo da vida, têm meios para adquirir a consciência. Pois então não sejam os homens que tecem códigos e dão pareceres, quem estorve a salvação dum que saiu da lama aos quatro anos; estive na Casa do Gaiato até aos quinze ou dezasseis; e depois se deixou tentar por uma ideia falsa de liberdade. Como aos teus, que não queres ver perdidos, ou sentados num banco dos réus, também aos nossos não queremos e quereríamos que em «obras e em verdade» ninguém quisesse.

Pois se trabalhamos para o bem da Nação porque nos não reconhece ela o direito que é dado — e normalmente deve ser — aos pais que sempre cumprem os seus deveres em relação aos filhos? Não con-

testamos esse direito, antes somos patronos dessa consciência. Mas se o pai que nos entregou o filho aos cinco anos, é o mesmo (e quase sempre é, senão pior!) que nos seus dezasseis — donde o direito agora de o desencaminhar, para a desgraça? As Casas do Gaiato, não têm apenas pão e escola para lhes dar; querem, sobretudo, dar-lhes uma visão da vida que lhes permita vencer e ajudar a vencer a sociedade a que pertencem — do que serão capazes somente, quando se atingirem o que um bom pai deseja para seu filho. Alcançamos tal meta — eis a nossa razão de ser, eis o nosso lucro. É preferível irmos hoje em sua procura, do que tu amanhã teres de perguntar-lhe o quê e porque o fizeram. O banco dos réus acorda, mas, por si, não regenera nem educa. Cá em Casa também há tribunais. Mas neles o réu chama-se filho.

Aqui tens porque te vamos chamar, porque te pedimos

Cont. na SEGUNDA página

Aqui, LISBOA

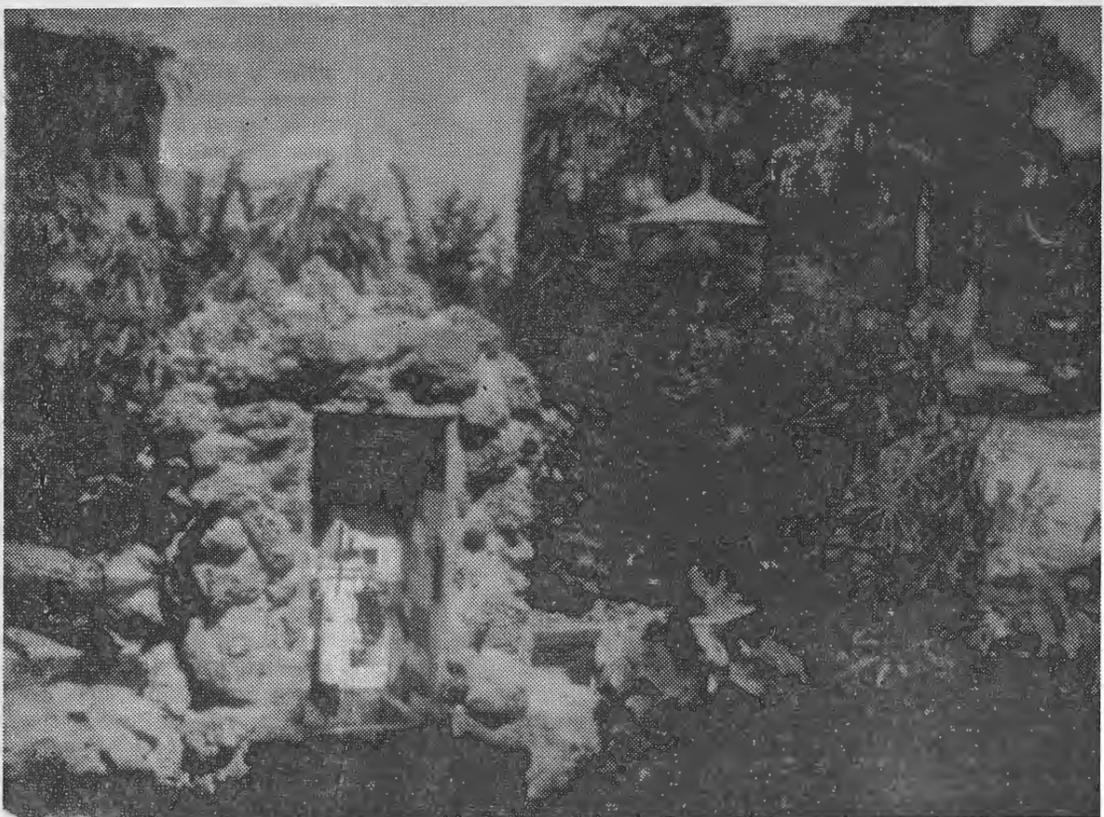
Sem um sério esforço de promoção humana, a todos os níveis, não podemos pensar que a destruição das barracas e a sua substituição por higiénicas habitações vem resolver toda a problemática posta. Um trabalho profundo, de grupo, por indivíduos preparados, com um sentido prático das coisas, sem grandes especulações ou teorias, deve anteceder e acompanhar toda a acção de instalação dos desalojados das barracas nas novas casas. Havendo como que uma mutação de ambiente, que marcou e traumatizou as pessoas, há que mentalizar e incutir novos hábitos, procurando tirar partido de todas as potencialidades dos novos meios. Por exemplo, é do conhecimento de muitos que, tanto no Porto como em Lisboa, em bairros airosos, se deparam com situações lamentáveis de casas de banho transformadas em carvoarias ou em locais de cultivo de couves ou alfaces. Casa nova deve implicar vida nova, mas isso exige um

esforço sério de todas as entidades responsáveis, nos planos social e individual, nas ordens higiénica e sanitária, nos campos educativos e escolares, na criação de centros de convívio e de recreio, enfim, em tudo aquilo que possa contribuir para o aproveitamento das potencialidades acima supostas. Não será trabalho fácil, sem dúvida, mas não deixará de ser basililar e a requerer pronta entrada em vigor no escalão da doutrina. Haverá resistências e incompreensões. Se, como se diz, o homem é um animal de hábitos, não sabemos se será possível, em alguns casos, obter numa geração cem por cento de rendimento. De qualquer modo, não deixa de ser obrigação de quem vela ou deseja o bem das populações lutar, repelinho o desânimo ou a ideia preconcebida de fatalismo.

Cont. na TERCEIRA página

Uma boa notícia

«Ouvido o parecer da Procuradoria-Geral da República ficou assente que o Património dos Pobres — uma vez que cede as suas casas a pobres e indigentes, que não pagam rendas — não está sujeito ao pagamento de contribuição predial.»



UM RECANTO DA NOSSA CASA DE BENGUELA, ENTRE A CASA-MÃE E OS ANEXOS.

Era o mês de Maio. Família Cristã que somos por graça de Deus, não dispensamos no momento «forte» de oração no meio da nossa vida sempre mexida e barulhenta por causa dos muitos que somos. É ao cair do dia que rezamos o Terço.

Pai Américo ao falar deste momento de oração, dizia:

«Em todas as nossas Casas, e desde o primeiro dia, se vem rezando diariamente o Terço em comunidade.

Se o Terço é uma prece à Mãe das mães, erguida por todos os filhos sem distinção, os que já não têm mãe na terra devem aproximar-se d'Ela de um modo particularíssimo e implorar-Lhe as Suas graças. A maior parte dos nossos gaiatos — uns órfãos de mãe, outros abandonados por ela — encontram na Mãe do Céu o grande e sublime amparo da sua orfandade e do seu abandono.»

E sobre esta vivência cristã no mês de Maio escreveu:



VISTAS DE DENTRO

«Hoje, primeiro de Maio, começou o mês de Maria. Resumido. Uma pequenina leitura ou uma pequenina alocução, conforme é um rapaz ou um padre que o faz. Hoje fui eu. Tomei por tema Mãe Clementíssima. Começo a falar e aí vêm os grilos. Grilos a cantar. Notei que breve se calaram e eu fiquei todo contente. No fim da devoção soube como as coisas se passaram. O Faisca, tinha ido pôr os grilos dele a um cantinho da capela-mor. Estes começaram a cantar. Abel compreendeu o meu embaraço e acudiu a tempo. Ele foi calá-los, disse o Faisca, senão é que era!»

Ora tocou-me, um dia destes,

fazer a pequenina leitura e alocução.

Tomei propositadamente estes dois textos de Pai Américo para a leitura e eis que chegando ao ponto em que lia: «Começo a falar e aí vêm os grilos. Grilos a cantar», os grilos romperam o silêncio e começaram a cantar. Por coincidência desta vez, tantos anos depois, eles eram do Faisca — agora outro, pois o a que Pai Américo se referia é já pai de família.

Continuei a leitura sem que eles se calassem, e notei o embaraço do Faisca e o sorriso da comunidade. Não me perturbei ao fazer a «pequenina alocução» e até disse aos rapazes que os grilos a cantar, mesmo dentro da Capela, também davam louvor a Deus.

O certo é que, desde aquele dia, não mais ouvi grilos a cantar dentro da Capela; mas não consigo atinar como eles os conseguem calar, pois que vejo por todos os lados caixinhas com eles.

Que lhes teriam eles dito ou feito para que tal suceda é que eu não sei. Mas hei-de

procurar sabê-lo para poder aplicar a receita quando o barulho no refeitório fôr demais.

x x x

Está cá uma senhora nova ainda, que quer experimentar a nossa vida para dar a sua vida à Obra.

Ontem subia as escadas que vão dar aos dormitórios dos «batatinhas» com um deles, o Victor, às cavalitas, e ia-lhe dizendo: — Agora vais dormir um soninho e vais-te portar como um bom menino que és. Era a hora da sesta e o repouso dos pequeninos é-lhes muito benéfico.

Fiquei todo contente por ver alguém a tomar aos ombros aquele pequenino fardo humano e fiquei a pensar nos muitos fardos que ela terá de carregar quando tiver de ser mãe dumas dezenas destes pequeninos seres que ajudará a fazerem-se homens.

Minha Senhora: experimente carregar com mais e verá que a palavra do Senhor no Evangelho «o Meu jugo é suave e o Meu fardo leve» é uma realidade que se não compreende, mas se vive. Como é realidade estoura: «Em verdade vos digo: Sempre que fizerdes isto a um destes mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes».

Padre Abraão



Cont. da PRIMEIRA página

auxílio. Porque somos uma Família e não nos servem as leis dos livros senão a lei natural da Família. Tu sabes bem, se és Juiz e Pai, a lei que invocas no tribunal e aquela com que constróis no dia a dia a vida do teu Lar. Os mais responsáveis desta Obra, não têm outra missão nem buscam outro lucro, senão servir, em nome de Deus, os que precisamos mais da paternidade d'Ele, por não possuírem ambiente de pai e mãe, de lar-imagem do de Nazaré, aonde «todo o regresso é progresso social cristão».

Ernesto Pinto

ce a um familiar. Esta é uma realidade básica da nossa vida familiar. Pai Américo, melhor que nós o disse: «Ora o menor quer e procura e espera a sua mãe.

Não a tendo, ou tendo-a e não servindo, que a obra onde se encontra lhe seja mãe, e ele será naturalmente feliz». «O ambiente de família transforma e convence estes pequeninos sem família. A verdade encontra-se na própria natureza das coisas, virgem. Nem sistemas, nem violências, nem pautas. Basta a lareira! Os mais infantis chamam mãe à Regente e, nas doenças, reclamam a sua presença: MAEZINHA NÃO SAIA DAQUI!»

Ora o que nós precisamos é de mães para estes mais infantis e não de substitutas. Mães a quem não prometemos ordenado. Mães que não têm horário de trabalho, pois são as primeiras a levantar-se e as últimas a deitar-se. Mães que não têm fim de semana nem férias nem nada, mas têm de improvisar pois, como observava Pai Américo, «aqui não há métodos; é tudo de cor, quer dizer EX CORDE. A mãe nunca teve métodos no dar o peito ao filhinho!» «É assim nas famílias pobres, de muitos filhos. Nós somos muitos e somos pobres».

Como algumas das mães que temos, pelo tempo e pelo desgaste, já são avós e algumas Casas nem avós temos, eu lanço aqui um desafio à mulher que quer ser mãe, não mãe do fruto que a carne gerou, mas destes que outras geraram e abandonaram; que venha, generosa e ousadamente, sofrer as dores do parto que há-de sofrer dando o seu sangue e a sua vida para que estes filhos de ninguém tenham uma autêntica Mãe. Nada vos prometemos. Deus vos recompensará.

Padre Abraão

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

Ambos tiveram o mesmo pensamento ao comprar o bilhete. E deixaram-nos vinte contos e a consolação de que há muita gente que nos guarda um cantinho do seu coração.

Continuamos, porém, e agora mais que nunca, preocupados. A impossibilidade de concretização dum subsídio de 150 contos que pedimos, deixa-nos desamparados no momento de termos de comprar os materiais necessários à electrificação de todas as nossas instalações que se estendem desde a entrada da aldeia, num percurso de mil metros.

Já bati à porta de Casas da especialidade, que ofereceram ajudas várias e descontos a pronto. Mas não chegariam os cento e cinquenta contos que esperávamos.

Espero que os nossos leitores nos ajudem a encontrá-los. Qualquer oferta de material eléctrico usado, como fio, caixas, interruptores e lâmpadas, é oportuno. Mas fica-nos o material para a linha e cabine. Quem tiver o tal cantinho do seu coração, para nós, poupa-se e ajuda-nos melhor enviando dinheiro.

Padre José Maria



A primeira casa de habitação da nossa «Aldeia» do Infulene, em Lourenço Marques.



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Desafio à mulher

Um dos nossos «batatinhas», vez por outra, tem comportamento um tanto estranho e anormal que nos preocupa muito. Para melhor o podemos acompanhar nestas fases críticas, levámo-lo a um pediatra, para que o observasse e nos ajudasse a orientar o pequeno.

Fez-me um grande sermão sobre a carência afectiva dos nossos rapazes e por causa desta carência os traumatismos de que eles sofrem. E disse, e disse e eu ouvi. Acabou ela e comecei eu. É verdade incontestável, e nós a vivemos dia a dia, que os nossos rapazes, porque orlundos da rua, nunca souberam o que é um pouco de ternura e carinho e muito menos tiveram o amor de família. Na sua maioria tiveram que sofrer, desde o ventre das mães, a violência da vida destas, dos seus desregramentos, a que ficaram escravizadas ou pela fome, ou pela miséria, ou por taras, ou por sedução seguida de abandono. Logo, desde o ventre são seres humanos traumatizados e depois de verem a luz do dia sofreram todo o drama das mães e o trazem bem vincado em si quer no físico quer no psíquico.

É, pois, evidente a importância do afectivo em todas as crianças nascidas nestas circunstâncias, que são autênti-

cos atentados à dignidade da pessoa humana.

Perguntei-lhe como poderia sanar ou atenuar esta carência e ela me disse que precisávamos de educadoras infantis especializadas e não sei que mais, e que as poderíamos arranjar se nos dispuséssemos a dar não sei quanto, a troco de 5 horas diárias de trabalho, contando ainda com os sábados livres e as férias.

Depois deu-me um calmante para o pequeno tomar nas horas mais excitadas e mandou-me embora.

Fui chelo de esperança e vim desiludido. Desiludido porque a senhora doutora falou muito bem mas conhece muito mal a nossa vida. Em primeiro lugar nós não somos uma instituição de assistência, como muito boa gente pensa; somos simplesmente uma Família «para os que nunca a tiveram ou a perderam». Uma família pobre que vive do seu trabalho e da generosidade escondida dos que conosco comungam no amor à criança sem família e ao doente incurável. Não podemos pois recorrer a «pessoal especializado» nem remunerado. Reconhecemos-lhes o mérito devido, o ordenado justo e o repouso necessário e até o defendemos, mas jámais poderemos dar a estranhos, por mais competentes que sejam, o lugar que pertencem.

Ainda não parámos. Nem sabemos quando! Os depoimentos são de tal ordem que incitam a marchar. E damos graças a Deus. Porque só Ele — e mais ninguém — é capaz de criar, fomentar, realizar nas almas a inquietação. Só Ele! Por isso, compulsada a correspondência da quinzena, a gente fica de mãos erguidas pela revolução que o Todo-Poderoso efectua por meio de cada um dos apaixonados.

● QUERO IR MAIS LONGE

Não precisamos ir mais além. Bastaria o estado d'alma, o propósito firme de um bancário do Porto! Af vai, tal qual:

«Volta novamente à vossa presença, o funcionário do Banco F. que há dias enviou para aí uma lista com nove assinaturas. Desta vez só consegui mais quatro; mas não conto ficar por aí. O tempo que tenho disponível dentro do Banco é muito limitado; mas, logo que me seja possível, tentarei arranjar mais colegas como assinantes. Quero ir mais longe — quero que os nossos directores e administradores o sejam também. E, depois, meus amigos, podeis ter a certeza que no Banco F., aqui no Porto, não haverá um único funcionário ou director que não seja assinante do nosso Jornal. Digo-vos, com verdade, vai ser um trabalho difícil conseguir tal proeza. Demorará muito tempo. Mas sem sacrifício nada se consegue. Confiemos em Deus.

«No Espelho da Moda já foram pagas as nove assinaturas, mais três destas que vos

envio agora e que vão assinadas com um Pg.. Quanto à última que falta pagar, não vos preocupeis; no fim do mês será paga.

«E pronto, amigos. Não vos roubo mais tempo. Em troca desta minha amizade, peço-vos apenas uma Avé-Maria em desconto dos meus pecados. Assinante 21591.»

Aí valente!, sublinhou o nosso Padre Carlos. Sim senhor, esta proeza é dos valentes, dos audazes. Trabalho difícil, segundo o nosso correspondente; mas sem sacrifício nada se consegue, acrescenta. E diz tudo! Quem dera, no entanto, que noutros Bancos — pelo país fora — se processasse idêntico movimento!

● ESPONTANEIDADE

Os pedidos directos, espontâneos, sobem dia a dia, porque o fogo dos apaixonados deixa rasto. Leveda. E os frutos são colhidos quando e como Deus quere. Ora vejam:

«Soube, por intermédio duma amiga — que é assinante do vosso Jornal — a grande Obra do Padre Américo, que Deus tenha em sua glória. Por isso, desde já também quero ser assinante.»

É de Fânzeres.

● UMA VOZ DA AMÉRICA

Na América do Norte procede-se da mesma forma. Ali é o mundo da técnica e do progresso!... Ouçamos:

«Alguém muito meu amigo (um assinante) me falou de algumas das muitas maravi-

Campanha de assinaturas

lhas que aí se fazem. Gostaria de ser considerada como assinante de «O Gaiato» e ficaria muito agradecida se mo pudessem enviar.»

Foi logo no mesmo dia, para não arrefecer o entusiasmo. Aliás muitos interessados sublinham a necessidade, como o assinante 15943: «O próximo Jornal a sair que venha para os novos assinantes pois tinha nisso empenho».

● DE PAIS A FILHOS

Mais uma faceta da Campanha:

Gostaria de ser assinante do Jornal «O Gaiato».

«Vou agora ao correio mandar um vale para o pagamento.

«Já há bastante tempo estou para escrever a pedir para ser assinante. Mas, passa um dia

e outro e nada tenho feito por isso.

«Meu Pai, já falecido, sempre foi assinante.

«Quanto aos jornais agradeço que me mandasse só a partir deste mês de Maio de 1970.

«Também queria pedir para não pôr no «Gaiato» que Sra... deu X para uma assinatura. Penso que isso nada interessa aos outros, mas somente a mim. E pena tenho de não poder dar mais. O que eu agradeço é que rezassem cá pela velhota, isso desde já agradeço.

«Penso que me expliquei bem. Bom trabalho, muita saúde e alegria na Graça de Deus.»

● PRESENÇA EM CHEIO

Finalmente — que o espaço é limitado — acusamos recepção de uma fila de 16 lourençomarquinos, pela mão do nos-

so Padre José Maria. Uma presença em cheio! E como sempre. Lourenço Marques e Nacala — tornamos a frizar — têm correspondido entusiasticamente! Quem lhes segue as pisadas?

● O GROSSO DA COLUNA

O grosso da coluna vai desfilar: Santiago do Cacém, Espinho, Póvoa de Santa Iria, Fátima — Bairro, Montemor (Odivelas), Rio Tinto, Freixo de Espada à Cinta, Buarcos (Figueira da Foz), Bujos (Miranda do Corvo), Brejos do Assa (Setúbal), Elvas, Lamego. E presenças mais nutridas de Lisboa, Porto e Coimbra. Ao fim e ao cabo, segundo o Avelino, ficamos em 1.350. Que bom! E vamos prós 2.000...

Júlio Mendes

POR MINHA CULPA

«Envio um vale de correio para pagamento da assinatura do Jornal «O Gaiato».

«Por minha culpa, já há muito que não recebo «O Gaiato». Mudei de residência. Agradeço, agora, que me fôsse enviado para...

«O número, como assinante, não posso precisar; mas anda à volta dos 400».

É um postal. Não importa de quem, nem donde. Importa, sim, para já, dois tópicos em íntima correlação — a fome do Jornal e a humilde e delicada confissão — fruto de Amizade — por um descuido, tão susceptível em maré de mudanças.

Damos à estampa este depoimento porque são frequentíssimos casos idênticos, entre as três dezenas de milhar de assinantes do «Famoso».

É certo que muitos fiéis e devotos leitores do pequenino mensageiro levam o seu cuidado muito longe; ao ponto de avisar com antecedência que «a partir do dia X devem passar a mandar o meu Jornal para a minha nova morada em...» E, quando não, reconsideram a tempo sua falta; normalmente por esquecimento. É o caso. E dão notícias. E que notícias! Quem nos dera ter espaço para revelar todas! Mas há uma percentagem que, na luta do dia a dia, quase nos esquece. E o Jornal anda por lá. Passa de inquilino a inquilino. Até que, às vezes, só passado muito tempo, recebemos nota de terceiros que «o destinatário mudou, ignora-se para onde»!

Prezado amigo minhoto: O seu postal vai abrir os olhos a muita gente. Vai, sim senhor. É que temos cada vez mais interesse que o «Famoso» se não desperdice ingloriamente. Aguardamos, pois, que os nossos assinantes procurem, futuramente, ser ainda mais cuidadosos e diligentes na rápida comunicação de novas moradas — quando, por necessidade, hajam que mudar de residência. Não custa nada.

Júlio Mendes

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

Para finalizar uma palavra apenas sobre a existência de muitas antenas de televisão em certos bairros de lata, conforme nos refere leitor amigo, o que melindra muito boa gente. Ahamos isso perfeitamente natural e não nos choca o facto. Com meia dúzia de escudos por semana se adquiram, a prestações e sem fiador, aparelhos de rádio ou de televisão, frigoríficos e outros utensílios. No caso concreto da televisão deu-se um mais célebre acesso de todos os níveis sociais aos respectivos aparelhos, do que com os receptores de radiodifusão. Os tempos e as facilidades são outros e o poder de atracção da imagem produz o seu efeito. Se se trata de má administração é um problema diverso. Pode sê-lo, em muitos casos, como o são noutros escalões da sociedade o automóvel, os

luxos e a busca desesperada de prazeres ou, até, o amealhar pelo amealhar, à maneira do usurário, que não tem uma camisa lavada só para não gastar uns magros escudos. De resto, a vida das baracas, das tocas e dos tugúrios imprime carácter e, nas frustrações que implica, obriga, quase que inconscientemente, a muitos procedimentos imprevisíveis, ainda que naturais. Se fôssemos a ver, ao fim e ao cabo, o que cada um tem em sua casa e não deveria possuir, seríamos levados a critérios muito falíveis e injustos e talvez o que mais choca passasse para último plano. Nós devemos doutrinar e educar; o que não podemos é violentar as pessoas e obrigá-las a um tipo de procedimento, salvo se for contra o bem comum a maneira como actuam.

Padre Lufs

As nossas Edições

Actualmente, dispomos dos seguintes volumes:

- PÃO DOS POBRES II e III vol.
- OBRA DA RUA
- OVO DE COLOMBO
- PORTA ABERTA

Se o leitor está interessado na aquisição de qualquer um destes livros, dirija-se à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA.



Do que nós necessitamos

Como abertura desta coluna, a presença que muito me alegra, sempre que tenho de anotá-la. É daquele «casal muito amigo» que, todos os meses, nos envia o abono de família de sua filha.

Bem hajam e, para a vossa filha, um beijo cheio de ternura.

«Por alma de meu marido», 100\$00. E em cumprimento dum promessa mais 50\$00. Isto todos os meses. António com a presença habitual. Lisboa com 300\$00. Livros e revistas de Espinho. Vestuário da América. Um aumento de ordenado e 50\$. Os habituais pacotes de lâminas de barbear. Mais 550\$00 de Matosinhos, também dum primeiro aumento de vencimento. Ass. 10191, com 100\$00. Assinante de Rio Tinto, já conhecido pela sua constante presença, 100\$00. Ass. 2984, com 1160\$00 para a assinatura e mais necessidades da Obra. E os 75\$00 em selos, de todos os meses, da Amadora.

De Agueda, «Obra de Deus para os Pobres», com os 40\$ de sempre. E 650\$00 de Bina, em agradecimento dum graça. Engenheiro de Lisboa, com cheque de 3 contos. Maria Helena com 200\$00. Roupas e

calçado de «Uma Mãe Alentejana». Livros de estudo, de Espinho. Do Hospital de S. Francisco, 744\$40. Tomar com 20\$00. Promessa de Avanca, de 100\$00. Anónima da Rua do Rosário, também com 100\$. Do Porto, «de um prémio ganho sem esforço», 50\$00. Cá vai a nossa amiguinha do Bairro da Pasteleira e migalhinhas conseguidas por seu intermédio. Vieram desta vez 420\$00. Lécista de Figueira, com 50\$00. E o sobrevivente do casal R. D., com a sua amizade e a habitual mensalidade.

Por intermédio da «Casa Mãe» do Gradil, recebemos dum assinante da Bafa-Brasil, 852\$00. Do Senhor Manuel da Rua da Corticeira, 40\$00. Do Porto, 50\$00. Anónima com 5.000\$00. Assinante da Covilhã, paga a assinatura e envia 2 retalhos de lanifícios. Uma caixa com selos usados, de Móra. «Duma Mãe doente», 50\$00. Boas melhoras, minha senhora. Mais de «uma amiga», 87\$50. Ass. 19091, com 150\$. Em cumprimento de promessas, recebemos: 200\$ de Arrifana. 80\$00 de algures. 250\$ da Amadora. 50\$00 de Braga. 100\$00 de S. Miguel — Santa Marta de Penaguião. Assinante de Espinho com 100\$00. B. M.

com 140\$00. Mais 200\$00 do Porto. De S. Pedro do Sul, 50\$00. E mais 200\$ de Braga.

Ass. 12844, de Faro, com um pacote de roupas várias. 20\$00 de Figueira da Foz. Lisboa com 150\$00. Duma velhinha de 90 anos, 1.080\$00. Que o Senhor lhe continue a dar vida e saúde, e a alegria de nos ajudar. E de F. T. F., que nos lembra na passagem de mais um aniversário de casamento, 20\$00. Mais 150\$00, de quem muito nos ama, de Rio Tinto. São 10% dum prémio que safu no Totobola. Dum senhor engenheiro, que não se sabe quem é, senão que é «useiro e vezeiro», 1.500\$. É de Lisboa, segundo o carimbo do correio. Mais um abraço e 150\$00, da muito estimada Avó de Moscovide. Um cheque de 500\$00 e muita amizade de alguém da Empresa F. Ramada. Dum Fernando, ainda pequeno, mas já muito nosso amigo, 50\$00.

Dum novo assinante da Covilhã, 4.500\$00, para qualquer das muitas necessidades da Obra. «Uma tia agradecida», com 20\$00. Do responsável pelo «Nicho de Nossa Senhora da Conceição», no Mercado do Bolhão, recebemos 2.500\$00. De há longos anos, os anuais 25 litros de azeite, dum senhor Doutor, do Porto. Que bem apreciada é, esta dádiva, nos dias de hoje! Obrigado senhor Doutor.

Eugénia com 100\$00, de um seu filho, que se encontra em Moçambique, em defesa da Pátria. Deus o guarde. 50\$00 de Ois da Ribeira. Medicamentos, roupas, calçado, revistas, bolas, brinquedos e ainda 1.462\$50, que alunos e professores do Ciclo Preparatório do Liceu D. Manuel II, nos deixaram há dias. Mais 435\$, do PESSOAL do Posto n.º 3 da Caixa de Previdência, em Lisboa. Amiga do Henrique, com 68\$00.

Migalhas do Posto de Recuperação n.º 132 de Barbeita-Monção, quando nos visitaram. Ermesinde com 50\$00. Silvares com 500\$00. E 100\$00 e a muita alegria, por vermos nesta coluna, a Mãe dos nossos Seixas. 500\$00 do Campo Alegre. Mais 125\$00, que sobrou do passeio escolar dos alunos e professores das Escolas de Pardelhas. 50\$00 por alma de Eduardo Fonseca. Dum velho amigo, da União dos Tarcísios do Porto, 100\$00. Ass. 24169, de Riachos, 130\$00 vindos em Fevereiro último. E a certeza, bom Amigo, de que tudo nos chega às mãos, graças a Deus.

De «uma grande admiradora» da martirizada, mas esperançada Guiné, 1.000\$00. Avó do Porto, junta 500\$00 e pede uma Avé-Maria, para que seu neto seja um homem digno e justo. Gaia com 50\$00. De uma

Maria da Conceição, 500\$00. Como respeito, com ternura filial, este nome!

Migalhinhas do Porto, de 20\$00. E. D. E., com os 20\$00 do costume. «Por alma de meu Pai», 100\$00. E o muito que trazemos do Espelho da Moda, sempre que por lá passamos. Não só as vossas dádivas, mas o renovar constante de amizade que todos naquela Casa nos dedicam.

Ainda uma palavrinha amiga e agradecida, àquele senhor Engenheiro, de Valongo, que nos tem atendido sempre, quando temos necessidade de colas industriais. E com que simpatia, ele nos atende!

Para finalizar, esta simpatia de carta, que a seguir transcrevemos e que nos trouxe 1.250\$00. Ei-la:

Caríssimos Amigos:

«Antes do mais que me levou a escrever esta cartinha, saúdo todos os que, de qualquer modo, mantêm viva a chama do fundador dessa Casa, o nosso muito querido Padre Américo, que Deus já tem no descanso eterno, mas que continua presente e sempre actual nos seus continua-

dores. Que a fé em Deus e a força nunca vos falte, para bem dos que a moderna sociedade quer escorraçar do seu meio.

Não sou assinante do «FAMOSO», mas é como se o fosse, isto é, não sou eu, mas é a minha filha, desde que nasceu, por iniciativa do meu pai, um dos velhos assinantes vossos, mas sou um grande admirador e defensor da vossa Obra e desde há muito que andava com vontade de ajudar com alguma coisa mais do que a boa vontade e das poucas orações e assim envio «esta pinga de água, para o oceano» das vossas necessidades materiais.

Espero que esta não seja, mais do que um começo que tenho em vista, assim Deus me ajude.»

Assim esperamos. E até sempre. Para todos as nossas saudações e a nossa gratidão.

Manuel Pinto

Visado pela
Comissão de Censura

O PAPA

Ao folhear-se um diário honestamente anotado, cada data diz da maneira como se viveu esse dia, qual a dádiva e a aceitação.

29 de Maio de 1920: Uma ordenação sacerdotal. Anos volvidos, hoje, essa data acena alegria em Cristo: o quinquagésimo aniversário de sacerdote do Papa Paulo VI. Dia de festa, pois, na Igreja, pede que nos recolhamos um momento em meditação, para, através dos valores espirituais, fortalecermos a consciência do Pastor que tão preocupado anda com as desorientações no seu Rebanho.

Como pequenino rebento da Igreja, também nós estivemos muito com ele. Tudo muito simples: um dia de sol; flores nos canteiros; corações abertos. A Santa Missa com homilia adequada à intenção por que nela participámos. No refeitório, sobre um jarrão de coloridas flores, o retrato que o fez mais presente e alegria no decorrer da refeição. Uma festa muito familiar. Mas nela o sinal de unidade, de comunhão com ele. E isto condiciona tudo!

Santos Silva



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

CANTINHO DE POESIA

Maio

Maio! Maio! mês meu tão colorido!
Tardes de novena! Frescas manhãs!
Dias de sol! Tudo parece ungado!
Sente-se a Graça, um sabor de Paz.

Mês de alegria! Humildes lavradores,
Por entre verdes plantações vistosas,
Cavam e mondram e — vêde, «doutores!» —
Queimam ervas ruins... contaminosas...

Ai os pomares! tão enfeitadinhos!
Fresca água pedem a quem vai passando...
— Homens, regai-os! que bem cansadinhos
Andamos nós as uvas sulfatando...

Os choupos! já de verde bem vestidos,
Nas águas se miram vaidosos e graves...
E — ó revelação dos bens contidos! —
Nos seus ramalhos fazem ninho as aves.

Além, na serra (É alta a Serra do Marão
E não me deixa ver o meu lugar.)
Floresce a giesta, erra o pastor, e o cão
Nada mais faz senão ladrar... ladrar...

... E Maio continua! Ai as novenas
Plas tardes santas — cristã devoção!
— Ide, fieis, ide com vossas penas
E voltaí com mais paz no coração.

Paz! Paz!... Eis o que prega a Madre-Primavera!
— E o trágico poder que o Mal possui?...
Campos e montes, sobre tudo impera!
E sobre os ternos corações influi...

Maio! Maio! Ó meu tão querido mês!...

Onde ficou tua alegria, que a não sinto?
À míngua dela, saudades descobri!...
— Se bem me vejo (que mentir, não minto!)
Fiquei sem ela... em 21 de Outubro...

VILA REAL, MAIO DE 1970

SANTOS SILVA